

LUM

Henrique Northfleet Neto

editora boqui

“na volta,
pelo retrovisor,
se vê a ida.”

“como é que o pássaro,
que voa sobre as ondas,
não vira peixe?”

“mas é assim,
pelo inverso,
que se faz justiça nesse mundo.”

“desgraças, todas descritas,
gastam todas as letras.”

“o mundo é caprichoso,
na sua esférica simetria,
dessemelhante como os espelhos em
que se mira, as vidas.”

“as datas são somente demarcações
no mar do tempo, a casca do pão.
no miolo é que tudo realmente acontece.”

“uma má ideia é como um vaso quebrado,
(antes intocado na prateleira da consciência).
quebrado, jamais voltará a ser o que era.
mesmo que se colem os seus pedaços
com todo o cuidado e ciência.”

UM

Ac master Festos,
que a guerra se pareça!

A stylized, handwritten signature in black ink, consisting of several overlapping loops and curves, positioned below the handwritten text.

© Henrique Northfleet Neto 2019
Produção editorial: Vanessa Pedroso
Capa: Editora Buqui
Fotografias: Henrique Northfleet Neto
Editoração: Cristiano Marques

CIP-Brasil, Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

N776m Northfleet Neto, Henrique
Um + Um / Henrique Northfleet Neto
1. ed. | Porto Alegre [RS] : Buqui, 2019.
96 p. : il.
ISBN 978-85-8338-464-9
1. Poesia brasileira. I. Título.
19-54650 | CDD: 869.1 | CDU: 82-1(81)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

Todos os direitos desta edição reservados à

bu **Buqui Comércio de Livros Eireli.**

Rua Dr Timóteo, 475 sala 102
Porto Alegre | RS | Brasil
Fone: +55 51 3508.3991
www.buqui.com.br
www.editorabuqui.com.br
www.facebook.com/buquistore

Printed in Brazil/Impresso no Brasil



Flycatcher Northfeet Net

Realidades. Realidade?

Minto, a verdade é nada disso.

O outro lado da moeda é ainda a mesma moeda?

Oferecer a outra face foi a frase que restou daquele Cristo.

Uma frase tomando o lugar de um Deus.

O que seria da Sua presença?

Eternamente esperando, na certeza, a minha vinda,
também, como tantos, como morto, como crente, como
eleito, como o quê?

Estórias de lobisomens, na areia fria da beira do rio.

Distante. Distantes?

Mentiras! A verdade tem tudo a ver com isso.

Depois ônibus e aviões e aulas de química orgânica e
física nuclear e uma mulher aqui e outra ali e ainda outra
e o medo na hora de dormir e os vultos brancos na beira
da cama e nem um pouco de alucinação, somente aquela
no sexto andar do edifício na beira do mar e nada mais.

Verdades distantes?

Realidades e restos de realidades e de presenças e de seres
que partiram. Estar aqui é muito pouco. Pouco para este
eterno? Pouco para nada disso.

Um grande passo para a humanidade.

Meus primeiros passos, meu primeiro contato com o ar,
os fluidos que escorrem para todos os lados. A realidade é
bem isso e nada disso.

Um corpo?

Quem diria! Tão moço, hoje tão experiente.

Nada disso vai restar pra remédio. Curar o quê?

Dar tempo ao tempo. O momento é eterno e momento ao mesmo tempo.

Realidades.

Depois dores de cabeça, vômitos, quedas nas pedras cheias de cracas, injeções de penicilina, antibióticos, pressão alta.

Oferecer a outra face para o beijo.

E os cheiros? E os sabores? E as cores? E os sons? E todos os dissabores?

Realidades. Contar estórias no corredor do lado da casa em dia insuportavelmente quente. Eu voava!? Capa de super-homem, um pulo no degrau da porta da cozinha e vupt!

Nunca aprendi a nadar direito. Somos todos uns afogados nesta atmosfera oxidante.

Um outro andava sobre as águas? Multiplicava pães?

Verdades?

Tudo era tão fácil. Pronto!

Simplicidade.

Outros viram Marias, escreveram com a mão de outros, outras caligrafias, cada vez mais obscuras, frases muito incompletas.

A verdade é que, quando estamos completos, morremos?

E o susto? E o medo? E a espera? Nada disso conta?

UJM

**ENTRE O MENINO E
SEU DESTINO
EXISTE UM INFINITO!**



DE BARRO E POESIA TODAS AS COISAS
DE LÁGRIMAS E CHUVA TODAS AS PAIXÕES
DE DOR E FOGO TODAS AS LUTAS
DE DESESPERO E ÂNSIA TODOS OS DESEJOS
DE AMOR E CANSAÇO TODOS OS PRAZERES
DE PÁSSAROS E MAR TODA A POESIA



Latinhas

barro e água.
água e barro.

mãos sujas, marrom.
cara suja, roupa suja, xingamento.

cavalinho de barro.
bonequinho de barro.
passarinho de barro.
barro, mundo de barro.

seis anos, infância.
barro e água

lembrança, cinamomo verde.
homem, barro-verde-Adão.

mundo de barro.
homem de barro.
barro, idade de barro.
seis anos, latinhas pelo chão.

sangue, testa cortada.
água e barro e mundo e eu.

Verso

durante a espera
colhi
esta lágrima,
este lírio,
este colírio,
que em seu brilho
supera o colibri
em seu cálido
equilíbrio.

Uma clave

eu,
que pensava ser a guitarra
com suas seis cordas doloridas,
ser o piano
com seu sorriso cariado nos bemóis.

eu,
que pensei tanto ser a flauta
com seu hálito quente e flutuante.

eu,
que era apenas o acorde.

Dois intervalos

I.

descansa a caneta e o papel.
o poeta procura novas palavras
no baú dos assuntos cotidianos.
arruma de improviso
uma poesia
sobre a inspiração
que começa por pedir
um descanso à caneta,
ao papel e à própria inspiração,
sendo assim...

II.

existe um momento em que o poeta é espera,
como o para-raios

e outro em que é chuva
sobre a areia ressequida das folhas em branco.

Prelúdio natural

pedaço de lua no céu,
mensagem de paz
obscurecida por duas ou três nuvens,
perdida na noite suave e fria.

cansado, por certo, de um dia inteiro,
no medo contido de ser verdadeiro,
na vontade de amar
o sonho e a vida guardada em você.

o frio que me encobre é como um abraço,
no lugar sem espaço onde não me desejo,
onde não sinto meu corpo,
do qual não guardo saudade.

chora a noite na paz em que mergulha,
lágrimas (tuas?) nuas de mim.
pedaço de lua no céu, sonho e vida,
o medo suave e frio da incerteza.

Divagando

da noite é o sono estremecido de estar se perdendo a vida,
é a morte contida no amanhecer...

da noite é o medo,
o obscuro,
o perigoso,
é a coragem,
a luz,
o manso gato branco que caminha vagaroso,
o insuspeito gesto,
(lenço caído) a mancha de sangue...

da noite são os amantes,
os instantes frenéticos de amor,
o sexo,
o sexto dia da criação...

da noite são os gritos,
os sustos,
os abortos,
os partos,
os anticoncepcionais,
o silêncio,
a calma (a cama) e o sono,
na noite não há funerais,
nela se enterram sob os cobertores
apenas as orelhas e os pensamentos...

da noite são as fugas,
os encontros,
os retornos,
a bala perdida,
o mendigo que dorme na calçada fria,
a criança que chora,
que cala... uma distância enorme entre as pessoas...

da noite é a esperança,
o desespero,
o cão que late ao longe,
o sino que compassa o tempo,
a chuva que encobre a solidão,
o vento que descobre a saudade,
a verdade,
a nossa sorte...

a noite será o nosso leito de sonhos... e a nossa sentença
de morte...

Sentidos

dor de dente,
dedo cortado.
grilos e vagalumes na noite escura...
medo, procura.

batimentos de pingos de chuva,
desilusão.
telhado de zinco em dia de vento,
lamento.

estrebaria abandonada,
miolos esmagados no asfalto,
parede branca,
fatalidade.

trovoada,
cigarra cortando o mormaço da tarde,
lembrança.

carro preto,
pássaros em direção ao norte,
saudade.
doce de coco,
mel com azeite, ferro quente na mão,
esperança.

Rosas

alquimistas somos!
macerando as pétalas destas rosas
e aquecendo-as no fogo de nossos corações.

o tempo coalesce e transmuta essa verdade.

De sexta para sábado

na noite quente,
há quente sonoridade no ar.

um cachorro late (outro responde)...

portas abertas,
escancaradas,
cadeiras nas calçadas, bate-papo.

uma pessoa fala (outra responde)...

de sexta para sábado profetiza-se a chuva,
todos esperam,
o homem de bermudas e chinelos,
a mulher, que está nua no banheiro.

um sapo coaxa (outro responde)...

de sexta para sábado a lua ficou circundada por um halo
amarelo,
relâmpagos no céu.

um trovão ecoa (outro responde)...

na noite quente,
há letargia no ar.
a tempestade toma forma, avança,
irá chover?

todos esperam pelas calçadas.
as nuvens adensando.
um bêbado olhando para o céu resmunga:
como é linda a noite de sexta para sábado (outro responde)...

pois é!

O pêndulo

o relógio compassa,
a vida descompassa.

a tarde se foi,
os sonhos
não realizados...

quanta lágrima
derr amada,
derradeira amada

a noite se foi,
os pensamentos
não pronunciados...

quanto medo
dest ruído,
descompassado ruído

o relógio disfarça,
a vida é uma farsa!

Angústia

os espelhos
(e seus reflexos caducos).
os desejos
(e suas intenções falidas).
e as mãos
que realizam o real e o irreal,
o castelo no areal.

os sonhos
(e seu tempo perdido)
que dançam soltos no vento,
grãos de areia desenhando nas vidas
as idas
e as vindas
do tempo.

Evidências I

existe a força
quieta em sua verdade,
como se fosse necessária,
como o mar que bate no rochedo
(com estrondo).

insiste a paz
lenta em sua presença,
como se fosse única,
como o voo do pássaro na altitude das nuvens
(com leveza).

persiste a vida
entre a força e a paz,
em seu intrincado artesanato,
como a flor que nasce
e o sol que se põe derradeiro
(em silêncio).

Questões

a vida é simples como o voo do pássaro?
seguindo a direção do vento,
observando o desejo do azul.

a vida é natural como o desabrochar da flor?
obedecendo o espaço do ar,
determinada pela força da luz.

a morte é tão simétrica como a imagem do espelho?
nada perturba esse rio que flui,
este sangue que pulsa
e arrasta esta imensa solidão.

Revelação

trouxeram novamente aqueles corpos à minha presença,
límpidos e tesos,
enlaçados nas entranhas,
lambuzados, suados, em frêmitos de prazer.

trouxeram-me para um breve julgamento.

trouxeram novamente aqueles corpos,
mais amadurecidos,
fortes e bem formados,
pelo meio das pernas de um deles se despegava um
pequeno corpo
à sua semelhança, que fugia.

trouxeram-me para um breve exame
e eles repousaram na minha presença.

trouxeram novamente os corpos,
encarquilhados e magros,
doentes e fracos,
apoiados um ao outro num enlaço frágil.

trouxeram para que eu soubesse da verdade.
depois que saíram, deixaram comigo uma amarga
realidade.

Eis o perigo

o homem com uma arma é perigoso?
o homem com a palavra é perigoso?
o homem com seu drama cotidiano,
com seu desespero de solidão? este sim!
o homem com sua raiva reprimida?
o homem com seus sentimentos de paixão?

... e a natureza se encolhe
e a natureza se esconde
e a natureza se escolhe???

qual a natureza do homem?
qual a natureza da arma?
qual a natureza da palavra, do drama, da raiva, dos
sentimentos?
deste ódio que se tenta esconder,
deste homem que se encolhe,
desta natureza que não se escolhe; ser homem.
homem, natureza reprimida da solidão.
o homem é sua natureza?
natureza é ser, é perigoso ser?

o ser e seu perigo.
o seu perigoso ser,
escondido.

sua natureza.
eis o perigo!

Do contrário e do extravio

o que se ignora não amedronta,
o que se espera (des)acontece,
o que se vive nunca se esquece,
o que se ganha não se merece,
o que se usa desaponta,
o que se perde nunca se teve.

o que se sabe não surpreende,
o que se acontece (des)espera,
o que se morre nunca se mede,
o que se tem não se pede,
o que se despe desusa,
o que se acha nunca se possui.

Fatalidade I

aquele punhal sobre a mesa.
aquela flauta sobre a cama.
aquele ácido sobre a ferida.
aquela mão sobre o ventre.

aquele aço frio. aquele som desfeito.
aquela dor contida. aquela semente podre.

aquele punhal sobre o ventre.
aquela mão sobre a ferida.
aquele ácido sobre a cama.
aquela flauta sobre a mesa.

aquele aço podre. aquele som contido.
aquela dor fria. aquela semente desfeita.

aço, som e dor.
punhal, ácido e flauta.

flauta e mão.

aquele sonho desfeito. aquele ventre contido.

frio e podre,
mesa e cama,
flauta ferida,
semente e mão.

aquela flauta ali sozinha,
esquecida.

Traição telúrica

o milagre da chuva.
o enigma da disposição das raízes na terra úmida.
quem ama o pedaço de terra onde vive terá onde ser enterrado.

os milagres não acontecem.
o homem acredita no mundo que o envolve.

as raízes não tem importância.
o homem acredita na semente, ama o pão que leva à boca,
o alimento que vem da raiz.

sem milagres o mundo subjuga o homem.
o homem se alucina e a superstição obscurece suas células.

os milagres passam a acontecer.
o pão deixa de alimentar.
o homem desacredita do mundo.

um pedaço de terra é um pedaço de terra.

o milagre da chuva,
a morte é o milagre que as raízes conhecem.
a semente torna o homem um simples amante dos seres aéreos.

não existe enigma.
a chuva cai, o homem sabe, a semente lhe revela os
mistérios.
o homem que não acredita não ama,
não terá onde ser enterrado.

Tempestade

contêm chumbo essas nuvens,
contêm espanto esses olhos...

... e a terra encharcada e o frio do horizonte.

contêm solidão essas nuvens,
contêm lágrimas esses olhos...

... e o frio avermelhado no fio do horizonte.

há razões de acontecer,
em vão o desespero será como o chumbo e a solidão
dos desencontros.

contêm lágrimas essas nuvens,
contêm desilusões esse olhos...

... e o tempo incontrolável e o distante horizonte.

contêm espanto essas nuvens,
contêm cansaço esses olhos...

... e o medo incerto no apagado horizonte.

há razão para viver,
em vão o desencontro será como as lágrimas e o espanto
do desespero.

Sentimento

estão destruindo a minha cidade.
derrubando seus muros,
arrancando suas árvores,
arrasando aquelas velhas casas
(com suas velhas pessoas e suas crianças pobres e seu
cheiro de mijo)
e suas calçadas, onde escorre esgoto velho.

estão matando os pássaros e castrando os cachorros.
invadindo com suas máquinas de aço os quintais,
arrastando consigo os varais de roupa
e aquelas lavadeiras gordas com seus aventais rotos.

estão esgravatando as pedras da rua.
revolvendo o chão com escavadeiras,
demolindo paredes,
esmigalhando vidros,
fazendo de tudo uma pasta informe,
uma lama acinzentada,
como o vômito de um demônio.

estão incendiando os barracos.
esboroando as pontes, atulhando os lagos,
salgando a carne das pessoas e expondo-as ao sol,
dependuradas nos fios elétricos,
o sangue pingando, formando poças
onde brincam crianças seminuas.

estão destruindo e massacrando e macerando e
dilacerando meu coração
(que, num fogo incessante, encandece
e se esmigalha num vômito de máquina de aço.)

exposto ao sol com seus fios nervinhos,
junto à carne de todas as velhas pessoas que vieram antes
de mim,
criança pobre que fui,
que brinca numa poça de sangue cercada por muros,
altos muros
de medo.

estão esgravatando as minhas entranhas (na procura),
esse demônio de pedra que cheira a esgoto e corta,
com cacos de vidro, as roupas nos varais,
deixando meu corpo seminu
entregue a uma mulher.

Fatalidade II

aquela pedra jogada no lago.
aquela pedra atirada num poço.
aquela folha caída da árvore.
aquele grito gritado no ar.
aquele garrote na garganta que não deixa chorar.

aquele pássaro morto na estrada.
aquela criança pedindo comida.
aquela mão paralisada pela bala.
aquele grito gritado de adeus.
aquele brilho nos olhos que não deixa chorar.

aquele pesadelo no meio da noite.
aquela sede de amor nos matando.
aquela flauta sem som numa moldura.
aquele grito de dor dos que sofrem.
aquela firme intenção que não deixa chorar

e a gente, por ai, se perdendo.

Velhas questões

que tempo é esse que venta tanto?
e as respostas estão sempre todas prontas?

que tempo é esse, acostumado às catástrofes,
onde o homem sabendo-se escravo, escraviza?

que tempo é esse sem decisões a serem tomadas?
fluindo inexorável e firme apesar das dúvidas.
aquelas dúvidas esquecidas das respostas,
que mantém o homem preso às decisões temporais.

que tempo é esse que venta tanto?
e não se ouve o ruído das folhas
e não se vê o ondular do trigo no campo.

que tempo é esse? silencioso e quieto.
tornando tudo uma imagem opaca da realidade.

que tempo é esse?
que o vento seca rápido a lágrima,
tão rara no rosto cansado.

Julia... (a fada)...

... me disse que o amor não se acaba.
é o grande espelho onde nos vemos
e vemos aos outros
e vemos nós-mesmos
ao lado dos outros
caminhando por esta vida,
pela vida de um-a-ser-ele-mesmo
e de outros-a-serem-eles-mesmos
e que mesmo quando feito em infinitos pedaços,

– como um antigo espelho
que vai se quebrando aos poucos
e perdendo sua prata
pelos solavancos da vida –

espalhado é que ele nos mostra
o seu mais verdadeiro reflexo.
e basta a gente pôr os pés descalços
e vagar numa tarde fria pela praia,
para encontrar todas as peças,
deste sempre-estranho-quebra-cabeças,
voltando a ser areia fina
bulindo com os nossos dedos.

Verso onírico

o sono é a lenta vontade de se possuir
a leveza do vento,
a inconsistência do silêncio,
a paz da escuridão...
... os sonhos atrapalham tudo.

Telepática

não.
não direi palavras de consolo
nem sorrirei um falso sorriso.
verás que não preciso teu abraço para sentir teu corpo.

não.
não terei nas mãos uma oferta
nem pensarei em ti a qualquer momento.
verás que não preciso do teu beijo para sentir teu desejo.

não.
não direi palavras falsas
nem sorrirei em consolo.
verás que não preciso do teu adeus para sentir vontade de
voltar.

Um momento da minha (além) vida

olha eu ali...
saindo do hotel e a brisa do mar me levando...
mão no bolso, casaco branco esvoaçando...
ouvindo músicas na cabeça... tentando assobiar...

olha eu ali...
ainda vendo o mar azul... lembrando...
segurando o chapéu com a outra mão para não voar...
um cheiro de boa comida no ar...
o tempero da vida que está se indo...

olha eu ali...
que saudades de mim...
que parto assim como tantos...
tendo sido porém um Ás...
... e agora, só o invisível da fumaça dos meus charutos.

Talvez

sou um menino perdido,
de pés descalços,
calça rasgada, descabelado
e sem camisa...
... ou talvez um pássaro pequeno e azul,
de asa quebrada, num dia de chuva.

sou um pedaço de sonho
num pesadelo da vida...
... ou talvez a flor amarela
que nasce entre as pedras
de um jardim abandonado.

sou a onda do mar
que se ergue furiosa e morre na praia calma...
... ou talvez seja um anjo vestido de branco
que olha as estrelas,
sorri e esquece do medo.

sou a beleza da tarde,
do sol que se esconde...
... ou talvez seja o filete de água
que desce o monte e vai crescendo
até chegar ao rio.

sou a poesia,
o que sinto, o que escrevo...
... ou talvez seja a nuvem que passa,
a esperança verde do campo.

sou o vento vadio que faz bater a janela,
que acorda você...
... ou talvez seja o amor,
somente o amor,
eu seja você.

Casca de árvore

sombras na parede,
como notas de uma melodia esquecida dentro de mim,
elas se movem, se arrastam, como
o medo do tempo aoite os pensamentos.

minha mente se esconde num canto da sala,
pertencço à matéria inerte,
sinto calor frio ou çorespiro,
mas não estou mais aqui.

deixarei apenas um corpo vazio
quando partir.

O mar

ah! o mar!
beber toda aquela água que pulsa,
aquela onda receber,
aquela onda que se debate contra o rochedo do meu peito.

ah! o mar!
sentir aquela branca espuma fria,
que se espreguiça na areia fina,
que se espalha, envolvendo os seres mortos na praia.

ah! o mar!
dor, imensidão, deserto,
extravio de navios e homens.

inquieta
o marulho de tuas ondas,
o piar de teus pássaros,
o silêncio de teus peixes.
esse teu ventre de mãe,
essa tua câmara de tortura.

ah! o mar!
essa loucura
que possui o homem que te observa,
o poeta que te descreve.

a vida é tua filha mais bela.

Ainda a alquimia

ando macerando as folhas e as flores,
caídas no outono...

quem sou eu pra tanto?

tem céus que chovem,
tem céus que azulam,
tem céus que eu faço...

quem sou eu pra tanto?

quando meu amor partir,
será de repente, num gesto...
mas gritarei meu protesto...

quem sou eu pra tanto?

o espelho da vida do espelho,
da vida dádiva, dívida dividida,
vívica, vívida...
eu vi a vida, a vida voava,
esvoaçava num floco de neve,
numa pena de pássaro...

quem sou eu pra tanto?

arranquei uma rosa de uma roseira,
dei com emoção para quem mais amava,
foi uma explosão na principal artéria do coração...
mão trêmula, sem palavras,
rosa que está perdida em alguma curva do tempo da
minha vida...

quem fui eu pra tanto?

O compositor

a água tem seus próprios caminhos
... sinuosa serpente sedenta de mar.

a luz penetra na escuridão das grutas
... mão macia numa luva justa.

o vento carrega a montanha nos seus braços
... cavalo incolor, veloz e rebelde.

o pássaro compõe com a água, a luz e o vento,
a beleza do seu canto.

Evolução

éramos, amigos,
navios ancorados no cais a espera da partida.
o mar revolto,
a ressaca, as grandes gaivotas a gritar.

éramos, apenas,
com nossos mastros oscilantes e inquietos,
espera e partida
no cais, ouvintes atentos dos gritos das gaivotas.

somos, amigos,
navios navegando o mar revolto,
a noite escura,
na bruma da tempestade com mastros balouçantes e sem
rumo.

somos, apenas,
grandes gaivotas sedentas de terra mas vivendo no mar,
sem leme, sem bússola
e sem esperança de aportar.

Viagem pirata

estar em pé significa estar pronto.
estar acordado é estar alerta.

a bagagem não é muita
mas muita atenção é necessária.

depois de alguns passos, olhar para trás
e ver o vazio que existia antes da partida.

antes que tudo se consuma.
como um cigarro sorvido devagar.
olhar, entre a fumaça,
a realidade acordada e ereta.

não se perdeu quase nada
mas coragem é necessária.

coragem de estar em pé quando todos estão deitados.
coragem de estar acordado quando todos estão
dormindo.
coragem de entender o vazio que existia antes.

certeza de que um barco é mais seguro em alto mar
do que no caís do porto.

A trama do irracional

é por isso que nos procuram vivos,
atormentados pelo vento e pela neblina,
por sermos aéreos.

é por isso que nos descobrem zumbis,
cobertos pelo barro e pelas raízes profundas,
por sermos terrestres.

é por isso que nos encontram mortos,
envoltos por algas e corais petrificados,
por sermos marinhos.

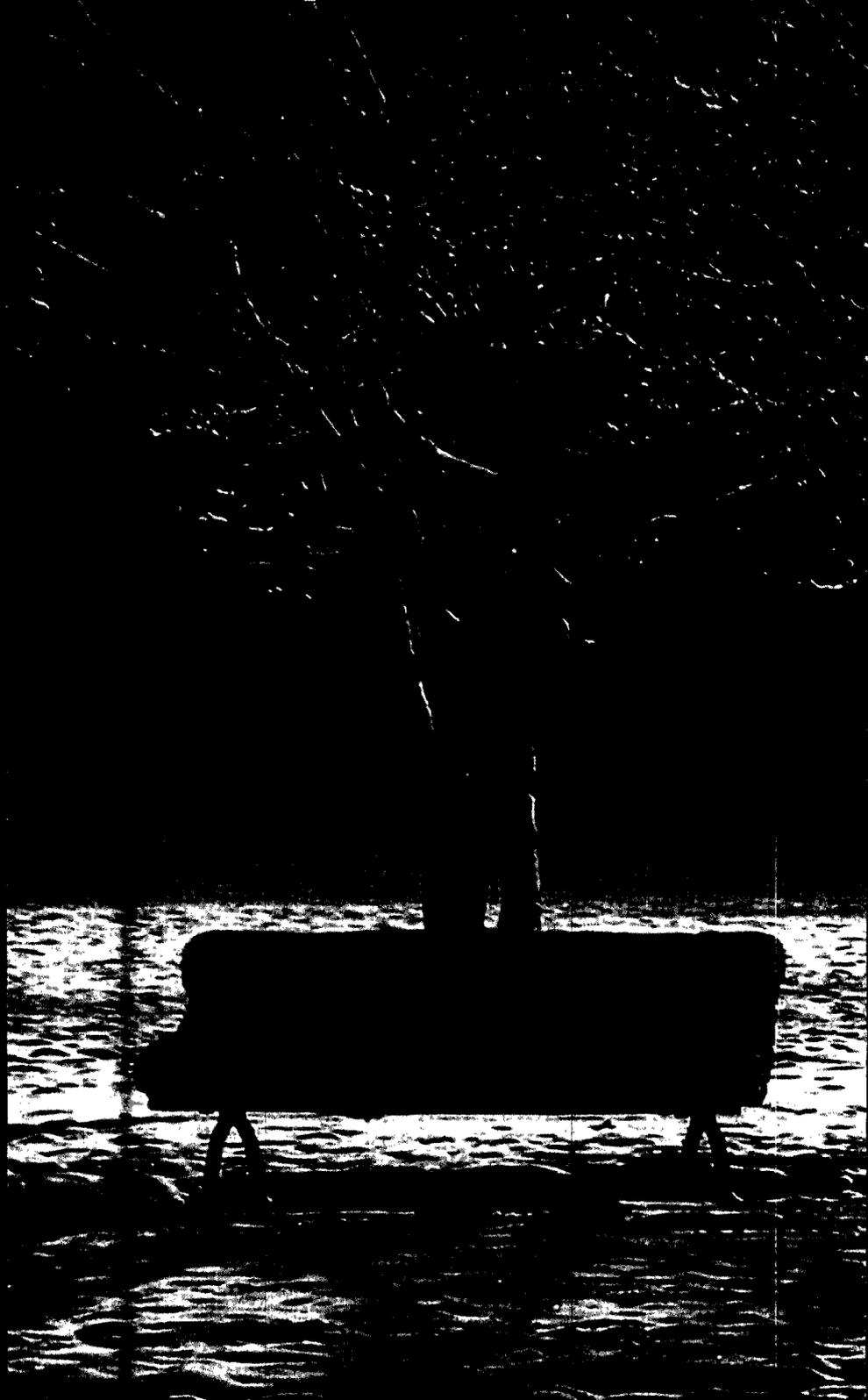
é por isso que nos veneram, seres
possuídos por espíritos e adormecidos no etéreo,
por sermos deuses.

ancoradouro
tormenta
túmulo
súplica

é por isso que nos culpam e nos crivam de dor,
por nada sermos realmente,

nem água, nem ar, nem terra, nem fogo,

mas destino,
incerteza
e solidão.





+TUM

**HÁ MARES DOS
MAIS DIVERSOS,
COMO OS AMORES E
OS VERSOS.**

Naufrágio a dois! (I)

as grandes fogueiras na praia.
o vento frio, maresia e névoa...

meu barco, já sem velas, indo em direção às pedras
e tu, sozinha na areia, gritando meu nome,
que as ondas sufocavam ao bater nos rochedos.

as grandes fogueiras na praia,
queimando a noite inteira, como num velório.
o soco firme do madeirame contra as pedras
e tu, sozinha, agitando um lenço branco com meu
sangue,
que o mar lavava ao te engolir na rebentação.

as grandes fogueiras na praia,
tornadas cinzas ao amanhecer.

eu, sozinho e descalço...

tu, sozinha e enrolada em algas...

nus,
esperando virar areia!

Naufrágio a dois! (II) (um amor moreno)

(1)

aqueles teus pés macios
e a lua no teu rosto,
moreno rosto de prata.

as águas batendo nas pedras daquele lugar desconhecido
(que eu não esqueço)
ao ritmo do meu coração galopante.

pudéssemos sempre dizer aquelas palavras
e nos olhar nos olhos, como dar as mãos
e parar o tempo.

não!
foge de mim assim como fujo de ti.
afastados seremos apenas lembranças,
que o mar há muito já esqueceu.

(2)

aqueles teus olhos me perseguindo
por onde vou ou não vou
ao teu encontro.

aquela tua alegria
e o teu sorriso se atirando contra o meu.
por essa sede do teu desejo à minha procura,
essa distância diminuindo entre nossas verdades
e a vida como o mar em ressaca,
levando (lavando) tudo para o fundo e retornando.

(3)

quando os sonhos terminam é hora de começar tudo
outra vez,
é procurar todas as partes do dilacerado coração
e agradecer a mútua presença,
dissolvendo-se num abraço o que se supõe separação.

(4)

o encontro é a medida do nosso desespero.
nada de sonho,
nada de vida,
somente a ânsia da sobrevivência.

Naufrágio a dois! (III) **(antítese)**

caminhar em águas rasas
é turvá-las com o lodo revolto.

as águas profundas
não temem pela sua limpidez.

Naufrágio a dois! (IV)

volta,
com teu sorriso leve e teus olhos brilhantes.

encontra,
com teu abraço suave de plumagem refrescante.

ama,
com teu corpo macio de água cristalina.

eterniza,
com tua presença quieta de nuvem algodoadada.

retorna,
com teu passo esvoaçante
de sombra errante,
a essa luz que te procura
na desesperada escuridão da minha solidão.

Naufrágio a dois! (V) (retorno ao sonho)

ao te tornares minha companheira, como seria?
eu te procurava por caminhos que não conhecia,
andando numa bicicleta com o pneu traseiro furado.

só sabia a direção para chegar
e, de repente, te encontro.
e subíamos pelos rochedos
usando somente as mãos, os pés
e as tuas garras.

e a cada instante me afagavas.
eu te sorria, estávamos nus,
corpos suados num prazer ainda não atingido.

era impossível, mas na altura em que nos encontrávamos,
sentia-se a brisa do mar.

subíamos, o chão nos faltava,
o quanto mais alto chegaríamos?

para onde?

havia uma praça,
algumas crianças brincando
e nem se importaram quando te amei na grama fria,

ao longe se avistava, entre as nuvens,
a cidade onde havíamos passado a nossa infância.

Naufrágio a dois! (VI)

(faz de conta)

façamos, assim, de conta,
 como de ilusão é essa nossa realidade,
 como se não houvesse o tempo,
 como se tudo fosse o agora.

façamos, assim, de conta,
 que o amor começou de novo,
 que estamos apaixonados e, principalmente, loucos
 e entre nós não há a distância.

façamos, assim, ainda mais uma vez e sempre, de conta,
 que o mundo não precisa do nosso amor cansado
 pois a vida prossegue mesmo sem a nossa permissão.

sejamos apenas nós,
 por enquanto,
 na nossa solidão.

Naufração a dois! (VII) **(aproximação)**

abra a mente silenciosa
... mente em procura...

não desperte o meu sono
... que te sonha...

à minha espera.

entra como na carne a faca
... com tua palavra no meu ser...

e encosta tua face na minha
... serei somente sempre teu...

antes de tudo.

sobrevenha com tuas mãos inusitadas
... desenhando no meu corpo a tua escrita...

abra a mente vagarosa que te guarda
... dentro de mim decifrarás o enigma...

entre nós a vida será assim.

Naufrágio a dois! (VIII) (como pesadelo)

por que, de repente, te perturbas?
sorris longamente e calas,
entristeces o semblante...

por que, de repente, te descontrolas?
pegas minha mão e corres,
levando-me como um fardo...

por que, de repente, te recolhes
(dentro demais de ti)?,
fazendo com que eu me perca...

por que, de repente, me desejas?
loucamente,
como se eu fosse te fugir
ou, definitivamente, voltar!

Naufrágio a dois! (IX)

úmida,
felina,
tímida,
a vida te acordou cedo.

ainda não abriste os olhos,
ainda não lavaste o rosto,
ainda não trocaste a roupa
e a noite vem (e o medo?).
e novamente estás nua...
e novamente estás suada...
e outra vez fechas os olhos.

cálida,
pálida,
súbita,
a noite te entregou lamento.

ainda não destruístes os sonhos,
ainda não dirimiste a dúvida,
ainda não alcançaste a certeza
e a vida vem (e o vento?).
e novamente estás sonhando...
e novamente tens que decidir...
e outra vez não me encontras.

lúcida,
rápida,
inútil?

Naufrágio a dois! (X)

queria te ser o único,
encher teu quarto solitário com meu perfume,
penetrar nos teus sonhos.

queria te ser o primeiro,
molhar teu corpo solitário com meu amor,
penetrar nos teus desejos.

queria te ser o eterno,
dançar tua música solitária com meu espírito,
penetrar nas tuas lembranças.

(Verso opcional)

queria te ser o ausente,
aquele que já te esqueceu,
aquele que já não lembras mais,
aquele que nunca existiu em tua vida solitária.

Naufração a dois! (XI)

delícia,
como fruta recém colhida, teu beijo.

cheiroso,
como erva de mato, teu corpo.

quieta,
como água de lago, tua presença.

cortante,
como vento polar, tua lembrança.

quero te comer, fruta
te cheirar, erva
te beber, água
te lembrar, vento.

ter-te sempre dentro de mim, imensa no instante.
ter-me sempre dentro de ti, intensa e presente.

numa noite fria de lua cheia,
pastoreando nuvens de carneiros
nessas tuas colinas mansas e envolventes.

Naufrágio a dois! (XII) (versos da cidade maldita)

quero te morder o calcanhar
e beijar tuas pálpebras quentes – para que não me
esqueças? –
caminhar de mãos dadas contigo por essa *cidade maldita*,
sem sair desse quarto,
onde escuto teus seios roçando no meu peito.

quero que durmas um pouco
e não ouças o que murmuro – teu nome! –
vamos nos banhar com a água que escorre pelos bueiros
dessa *cidade maldita*,
sem sair dessa casa,
onde teus pelos arrepiam os meus.

quero que fiques molhada com teus aromas
e limpe com tua língua – o que é meu e teu –
vamos gritar o mais alto que pudermos – prisioneiros
dessa *cidade maldita* –
sem sair um de dentro do outro,
onde tuas unhas se cravam na minha alma
e eu te impeço de assistir o meu orgasmo,
querendo – só mais um pouco – te possuir
e, me contendo, deixar que mais me descubras.

cúmplice que sou de nossas intimidades nessa *cidade*
maldita,
sem perceber o tempo que passa
– destruindo tudo o que ainda possuímos – nessa *cidade*
maldita,
onde o nosso desejo de aproximação
irá nos separar!

Naufrágio a dois! (XIII) **(o andarilho e a musa)**

uma vez te procurei com as mãos cheias de tesouros,
como sendo um rico senhor, dono de imensidões,

me fizeste voltar pelo caminho que trilhara na minha
juventude.

outra vez me vesti de maltrapilho e te ofereci uma flor
murcha da pradaria,
procurando te olhar no fundo dos olhos,
para que reconhecesses minha alma por detrás da besta,

me fizeste voltar por um caminho agreste e pedregoso
que acabara de atravessar.

agora me escondo em um canto distante deste mundo
esférico,
trocando o dia pela noite, entre bálsamos de gueixas e
negócios inúteis,

te fazendo crer que morri ou que nunca tenha existido,
pois cansei de me ver partir e de te procurar.

se vieste para ficar por que não trouxeste todo este teu ser?

se o vento te leva como a leveza da seda,
devias te enroscar em meu corpo amargo
e deixar o orvalho das manhãs nos amalgamar,
o sol secar-te em mim como uma nova pele.

assim eu te levaria comigo sempre por onde o ar é bom.

se vieste para ficar e tivesses dito: enfim te encontrei...
deixaria a minha pátria, meus amigos,
como as cobras mudam de couro,
e me vestiria de ti,
saindo por aí
em busca de Buenos Aires.

se vieste, num dia de inverno,
trazida pelo vento,
dançando um tango solitária,
poderias ter poupado minhas palavras de boas vindas
pois sabias que, enfim,
tinha te perdido.

Naufrágio a dois! (XIV)

eu, que te conheço de sempre
que te pertença de sempre,
que amanheço todas as manhãs contigo
enquanto lavas o rosto e nos vê no espelho,
que tantas vezes passei por ti e não te dei a mão,
que esqueço o teu nome.

eu, que me atrevo a te amar como não se deve amar mais,
que te tento quando não devo,
que te deixo esperando, sabendo que a espera separa
enquanto a vida escoia e já faz tempo que não te cheiro.

eu, que aparto de ti meu perfume,
que quero te matar, para te ressuscitar e te criar como um
bom desconhecido
que te encontrou em alguma calçada abandonada,
que não te revela o amor que tem por ti,
por que não se usa mais amar assim esse teu ser.

eu, que te desconheço
e não vou ter tempo de te descobrir,
que não te pertença
e passo os dias com o teu nome entre meus papéis,
amanheço sozinho
enquanto lavas o rosto
e me amas.

Naufração a dois! (XV)

deixa que eu me agarre nos teus cabelos,
(vem comigo por esse caminho)
quero beber o teu ser
e me aninhar no teu ninho,
para dormir o teu sono.

deixa que eu mergulhe no teu silêncio,
(vem comigo enquanto é tempo)
quero saber o teu segredo,
antes que sejamos levados pelo vento,
como folhas caídas no outono.

Naufrágio a dois! (XVI)

ouço teus passos na escada
e tu não vens.

ouviste minha voz te chamando baixinho
e eu não estava.

que poder é esse que temos
quando estamos juntos?
que poder é esse que nos separa?

espero te ver entrar na porta do bar...
era outra!

falas que já fui embora sem nada dizer...
era eu que chegava!

que poder é esse
que é mais do que minha vontade,
que teus desejos,
que nossas vidas?

Naufrágio a dois! (XVII)

dono desse castelo em ruínas
observo as águas do rio,
que corre manso lá no vale,
onde já viajamos com nosso barco de sonhos.

levadas pela correnteza do rio,
nossas almas são pássaros de voo errante.

dona desse castelo em ruínas,
onde os muros já não percebem a passagem do tempo,
onde as portas já se fecharam para tudo e todos,
onde respiro o ar que te pertencia,
és uma pedra da montanha,
submersa no fundo do rio.

Naufrágio a dois! (XVIII)

quando vieste pela primeira vez
não te esperava.
foste entrando em minha vida
como todas as coisas boas,
sem avisar.

quando vieste pela segunda vez
era segunda-feira, quatro da tarde, chovia.
te conheci plena
como todas as coisas desconhecidas,
sem esperança.

quando vieste as outras vezes
aprendi a sempre desejar o teu desejo.
te fazendo coisa nossa
como todas as coisas que compartilhamos,
sem medo.

quando deixaste de vir
te conheci distante do nosso mundo.
envolta num véu do esquecimento
como todas as coisas que amávamos,
sem ilusão.

Naufrágio a dois! (XIX)

todo o teu corpo
como o vento
roça no meu.

todo o teu corpo
como a nuvem
molha o meu.

na hora do amor
a tua testa é o céu,
os teus pés a terra
e o resto do teu corpo flutua.
pássaros fogem dos teus seios
e um ar quente e úmido esvai de dentro de ti.

todo o teu corpo
como a árvore
alimenta o meu corpo.

todo o teu corpo
como a chuva
descontraí meu corpo tenso.

na hora do amor
teus lábios são orvalho,
tuas mãos veludo
e o resto do teu corpo flutua.
flores perfumam teu ventre
e um murmúrio ofegante sai de dentro de ti.

todo o teu corpo
como a manhã
desperta o meu.

todo o teu corpo
como um barco em naufrágio
leva o meu para o fundo da nossa vida.

e lá, teu corpo é também o meu.
e eu flutuo junto com todo o teu corpo.
e somos derradeiros dentro de ti.

Naufrágio a dois! (XX) (dança e contradança)

1.

perdemos tempo, amiga,

nos atirando contra o rochedo
dos nossos medos e angústias,

nos distanciando do amor que nos unia,
assim como o vento leva duas folhas da mesma árvore
para lugares desconhecidos.

2.

passamos a vida, irmã,

desconhecendo a nossa própria voz
e tentando, a todo o custo, esquecer,

que o que nos aconteceu experimentar juntos
é como a água de uma fonte de montanha,
formando regatos em direções opostas.

3.

no rebuliço de velhos papéis e fotografias nos
descobrimos iguais,
como pedras atiradas no fundo de um poço
ou pássaros voando no malabarismo das tardes azuis.

o quanto nos amarmos,
será a medida do nosso encontro eterno.

Naufrágio a dois! (XXI) (pequena canção de encontro)

eu te amo pequena nuvem,
rosada nuvem,
pequeno amor,

por não teres perdido o ingênuo menino que eu fui no teu
coração,
por me trazeres sempre perto do teu peito,
por mais distante que meus pensamentos estejam.

eu te amo pequena nuvem,
rosada nuvem,
pequena flor,

pela paixão que tens nos teus olhos pelos olhos meus,
pela vida que resolveste perder para preencher a minha,
que sempre andou tão vazia de ti.

eu te amo flor-rosa-nuvem,
que se desintegra na entrega deliciosa e perfumada,
com toda a força do teu ser dentro do meu.

Naufrágio a dois! (XXII) (antes que o meu amor te mate)

bate tuas asas e voa
antes que o meu amor te mate,
voa para bem longe
para ser só saudade.

guardarei a sensação que te tenho,
a tua forma, exata,
o perfume dos teus cabelos.

nas noites de vento direi teu nome em desespero,
lembrando momentos de nós.

procura em ti
o que ficou de mim,
a nossa solidão.

Naufrágio a dois! (XXIII) (mulher)

te assustas,
como um pássaro se assusta,
por seres livre.

amas,
como uma flor que recebe o orvalho da manhã,
por seres livre.

magoas,
como um felino que mata a sua presa,
por seres livre.

entristeces,
como uma fonte de água que flui,
por seres livre.

sorris,
como uma folha verde nascendo,
por seres livre.

te libertas,
como uma nuvem que flutua,
entre o céu e a terra,
por seres pássaro, flor, felino, fonte, folha, verde, nuvem
e mulher.

Naufrágio a dois! (XXIV) (fusão)

1.
seremos dois, somente depois
do dia findar,
da noite crescer
dentro da nossa vida.

seremos dois, somente depois
do tempo parar,
da escuridão descer
sobre a nossa alma.

seremos dois, somente depois
da vida cessar,
da esperança morrer
fora do nosso sonho.

2.

seremos dois, somente depois,
que não possamos mais lembrar
(de todos que conosco viveram),
que possamos nos esquecer do que vivemos
(nessa vida e nas outras).
que possamos perder a noção de espaço
(deixar nossos corpos),
que possamos ficar unidos sem dar-nos as mãos,
(num lento abraço),
íntimo e eterno
(terno)
das nossas translúcidas mentes
num outro universo,
distante e final.

Naufrágio a dois! (XXV) (no banho)

ela banha seus sonhos com essência de Cipreste,
me ama com olhos azuis-esverdeados,
olhos de lagos alpinos.

nas altas montanhas
ouviu o vento que embalava minhas ânsias,
entre rochas e neve e gelo,
viu meu vulto em negro com cabelos esvoaçantes,
me alcançou sua mão,
nos salvando da queda no abismo.

fez carícias,
me ensinou a brincar com fios de linha e fazer massas.

ela desperta de seus sonhos e,
com seu cheiro de mulher, me ama,
se banhando em seu homem.

meu desejo percorre seu corpo,
seus seios duros,
o suor entre suas pernas,
suas costas tensas, como um vale
onde flui calmo o rio do meu amor,
que a acaricia e me faz sonhar.

Naufrágio a dois! (XXVI)

não será essa a última saudade que te tenho, amada.
nem a falta mais destruidora que me corrói.

não serão essas as últimas palavras que te escrevo, bela.
pois vem de sempre esse meu desejo da tua presença.

de sempre, e tanto, e intenso,
é o amor que me envolve.
como o teu beijo, e corpo, e espírito,
numa imensidão, perdido eu em ti.
como em todas as noites que te tenho
e me tens no nosso encontro.

eu, que não me canso de te olhar,
eu sempre, desde muito,
desde que surgiste e antes, nos meus sonhos.
mulher de paz
e quieta presença que me possuí.

não será a última vez que desespero por ti, sedutora.
nem imagino possuir-te.
como se assim fosse a verdade,
nesse meu verso
e não, em realidade,
o inverso.

Naufrágio a dois! (XXVII) (permissão desesperada)

antes que a poesia termine,
antes que o sorriso entristeça,
antes que a tarde se vá,
antes que destruam esse sentimento de antes,
antes que as palavras se tornem somente mensageiras do
adeus...

deixa que eu durma uma noite em paz contigo.

deixa que o vento nos desperte
que a chuva caia mansa,
que eu te aperte contra o meu peito.

deixa que a manhã nos esqueça na areia fria.

deixa que reconheçam nossos corpos esquecidos pela
vida...

faz com que os pássaros parem de cantar,
que as flores murchem,
que o sol se eclipse eternamente.

depois,
quando a poesia terminar,

depois que a tarde se for.

depois que destruírem esse sentimento de antes e o
sorriso entristecer...

deixa que eu parta sem adeus.

Naufrágio a dois! (XXVIII)
(poema sobre a nuvem na tarde do dia
11.01.1988)

longe,
longe,
longe...
... se eu fosse um peixinho e soubesse nadar...
... se eu fosse um pássaro e soubesse voar...
iria longe,
lá no alto,
onde aquela nuvem se forma,
onde o sol se esconde com seus lábios quentes,
que não querem me beijar.
iria lá, voando sempre mais alto
e engolia a nuvem toda,
todinha,
com o prazer dos perdidos no deserto ao verem água
fresca.

longe,
longe,
longe...

(como a travessia de um mar ou a distância entre nossas vidas)

... se eu fosse um peixinho e soubesse nadar...

iria te buscar,

para beber comigo aquela nuvem cinza que esconde o sol.

iria buscar teus lábios quentes,

perdidos como os pássaros nesse inverno.

... se eu fosse um pássaro e soubesse...

buscava um outro céu para nós!

Naufrágio a dois! (XXIX)

envolto no silêncio dessa cidade desconhecida,
tenho teus olhos nos meus,
tuas mãos nas minhas
e também te desconheço.

voam pássaros, fugindo do frio,
deverá meu abraço te ajudar na fuga?

fique ao meu lado,
antes que o sonho se acabe,
antes que o inverno nos esqueça,
antes que a nossa força de amar nos liberte,
lentamente,
afrouxando o enlace dos nossos corpos,
o tênue roçar dos nossos sentimentos,
a distância de nossas vidas.

voam pássaros, fugindo do frio,
envolto em silêncio, te procuro e te espero,
desconhecido,
fugindo com eles.

Naufrágio a dois! (XXX)

vem!

que já nos guardamos tempo demais.
as tuas mãos me procurando,
as minhas mãos não te achando
nas noites sem lua da nossa solidão.

vem!

que já nos esquecemos de nós
e temos que lembrar de toda a vida que não vivemos,
de toda a saudade que ainda não matamos,
na lua cheia dessa nossa paixão.

SUMÁRIO

UM

Latinhas	11
Verso.....	12
Uma clave	13
Dois intervalos.....	14
Prelúdio natural.....	15
Divagando	16
Sentidos.....	18
Rosas	19
De sexta para sábado.....	20
O pêndulo.....	22
Angústia	23
Evidências I	24
Questões	25
Revelação	26
Eis o perigo.....	27
Do contrário e do extravio.....	28
Fatalidade I.....	29

Traição telúrica	30
Tempestade.....	31
Sentimento	32
Fatalidade II	34
Velhas questões	35
Julia... (a fada).....	36
Verso onírico.....	37
Telepática.....	38
Um momento da minha (além) vida	39
Talvez	40
Casca de árvore.....	42
O mar	43
Ainda a alquimia	44
O compositor	46
Evolução.....	47
Viagem pirata.....	48
A trama do irracional	49

+UM

Naufrágio a dois! (I)	54
Naufrágio a dois! (II) - (um amor moreno)	55
Naufrágio a dois! (III) - (antítese)	57
Naufrágio a dois! (IV).....	58
Naufrágio a dois! (V) - (retorno ao sonho)	59
Naufrágio a dois! (VI) - (faz de conta).....	60
Naufrágio a dois! (VII) - (aproximação)	61
Naufrágio a dois! (VIII) - (como pesadelo).....	62
Naufrágio a dois! (IX).....	63
Naufrágio a dois! (X).....	64
Naufrágio a dois! (XI).....	65
Naufrágio a dois! (XII) - (versos da cidade maldita)	66
Naufrágio a dois! (XIII) - (o andarilho e a musa)	68
Naufrágio a dois! (XIV).....	70
Naufrágio a dois! (XV)	71
Naufrágio a dois! (XVI)	72

Naufrágio a dois! (XVII)	73
Naufrágio a dois! (XVIII).....	74
Naufrágio a dois! (XIX)	75
Naufrágio a dois! (XX) - (dança e contradança)	77
Naufrágio a dois! (XXI) (pequena canção de encontro)	78
Naufrágio a dois! (XXII) (antes que o meu amor te mate).....	79
Naufrágio a dois! (XXIII) - (mulher).....	80
Naufrágio a dois! (XXIV) - (fusão)	81
Naufrágio a dois! (XXV) - (no banho)	83
Naufrágio a dois! (XXVI).....	84
Naufrágio a dois! (XXVII) - (permissão desesperada).....	85
Naufrágio a dois! (XXVIII) (poema sobre a nuvem na tarde do dia 11.01.1988)	87
Naufrágio a dois! (XXIX)	89
Naufrágio a dois! (XXX)	90

buqui

www.buqui.com.br
www.editorabuqui.com.br



Estas poesias foram esculpidas na pedra dura da vida por um porto-alegrense (Porto Alegre, RS, Brasil).

Curioso, teve sorte de ser alfabetizado, formado em química, doutorado em Freiburg na Alemanha, ex-professor da UFRGS, enxadrista e fotógrafo amador, sobremesa preferida: o quindim.

Escreveu já muito e pouco (pois a vida não é tão linear como se imagina). Sintético, além das poesias, prefere o conto como forma de expressão literária.

Tradutor técnico. Vive na Alemanha.
e-mail: nnhenriq@hotmail.com

+LUM

editora **buqui**

